

ENTRE CONTINUIDADES E MUDANÇAS: MASCULINIDADES NA REVISTA GÊNERO (2000–2025)

BETWEEN CONTINUITIES AND CHANGES: MASCULINITIES IN GÊNERO MAGAZINE (2000–2025)

Alberto Mesaque Martins¹

Resumo: Esse estudo propõe uma reflexão acerca da inserção da temática das masculinidades nos primeiros 25 anos da Revista Gênero. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura realizada a partir de consultas à plataforma virtual do periódico, abrangendo todos os números publicados entre os anos de 2000 e 2025. Os resultados indicam que o campo dos estudos sobre masculinidades encontra-se em expansão, embora ainda demande maior investimento e participação da comunidade científica. Destaca-se, ainda, a necessidade de ampliar investigações que ultrapassem perspectivas cisheteronormativas e contemplem a pluralidade das experiências masculinas, incluindo homens negros, trans, com deficiência, povos originários e comunidades tradicionais.

Palavras-chaves: Masculinidade; Gênero; Revisão.

Abstract: This study proposes a reflection on the inclusion of the theme of masculinities in the first 25 years of the journal Revista Gênero. It consists of an integrative literature review conducted through consultations of the journal's online platform, covering all issues published between 2000 and 2025. The results indicate that the field of masculinity studies is expanding, although it still requires greater investment and engagement from the scientific community. The study also highlights the need to broaden investigations that move beyond cisheteronormative perspectives and encompass the plurality of masculine experiences, including Black men, trans men, men with disabilities, Indigenous peoples, and traditional communities.

Keywords: Masculinity; Gender; Review.



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

1Doutor em Psicologia - Universidade Federal de Minas Gerais; Pesquisador em Saúde Pública - Fundação Oswaldo Cruz. E-mail: albertomesaque@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6032-3122>.

Introdução

O ano 2000, quando a *Revista Gênero* lançou seu primeiro número, foi marcado por um período de intensas transformações sociais e culturais. Em meio aos temores e expectativas quanto ao futuro da sociedade no novo milênio, o mundo vivenciava mudanças significativas, especialmente impulsionadas pelo desenvolvimento e popularização de tecnologias como computadores, celulares e smartphones e, sobretudo, pelo acesso à internet. Somadas a diversas transformações sociais, culturais e econômicas – impossíveis de serem todas descritas aqui –, essas inovações criaram novas possibilidades de acesso à informação e à comunicação, inaugurando uma época em que interações e debates se expandiram para espaços virtuais globais, especialmente por meio das redes sociais (Oliveira e Barroco, 2023).

No entanto, em um país marcado pela desigualdade, o acesso a essas tecnologias também refletia iniquidades, ainda hoje não superadas, privilegiando os estratos econômicos mais abastados e deixando de lado as pessoas mais pobres, cujo acesso só se deu mais tardiamente (Silva, 2020). Nesse sentido, os anos 2000 configuravam-se como um período de transição, bastante distinto da atualidade. No campo midiático e comunitário, a televisão e o rádio ocupavam lugar central, sendo reconhecidos, por décadas, como os principais meios de informação da população. Além disso, revistas semanais e jornais diários circulavam intensamente pelo país, trazendo não apenas notícias e informações, mas também debates – muitas vezes provocados por acontecimentos noticiados nos telejornais ou programas de auditório, encenados na dramaturgia do cinema e das novelas, ou ainda mediados por colunistas que interagiam com leitores sobre temas de interesse social (Dugnani, 2020).

Nesse contexto, as discussões sobre a necessidade de historicizar e, portanto, desnaturalizar as concepções acerca das relações de gênero começaram a ganhar maior notoriedade (Freitas e Luz, 2017). No Brasil, esse debate ainda estava fortemente marcado pelo binarismo e pela cisheteronormatividade, restringindo-se, em grande medida, às diferenças sexuais entre homens e mulheres heterossexuais (Louro, 2014). No campo midiático, especialmente em programas de auditório e entretenimento no rádio e na televisão, a questão de gênero era discutida por jornalistas, personalidades e especialistas, quase sempre com foco nas mulheres cisgênero e heterossexuais, enfatizando temas como gravidez e maternidade, casamento monogâmico, comportamento e estética feminina, entre outros.

No que se refere aos homens, o debate ocorria em outros espaços de comunicação que, embora não fossem explicitamente nomeados como

masculinos, tinham como público-alvo os homens cis e heterossexuais, procurando distanciar-se dos espaços considerados femininos. Nesse sentido, programas esportivos e revistas de negócios e empreendedorismo dialogavam diretamente com esse grupo, quase sempre por meio de interlocutores que reforçavam atributos associados à virilidade, como jogadores de futebol, lutadores e empresários (Casadei, 2022).

Além disso, em revistas como a *Playboy*, homens de classe média tinham acesso não apenas à exposição de corpos nus de atrizes e personalidades femininas, mas também a matérias que discutiam o comportamento masculino, reforçando estereótipos de força, coragem e bravura (Voks, 2021). Mesmo em periódicos voltados à saúde masculina, como a *Men's Health* (traduzida como “Saúde dos Homens”), prevaleciam o binarismo de gênero e a cisheteronormatividade, com a valorização de corpos brancos, magros e musculosos como representações do “homem de verdade” ou do “homem de sucesso” (Eufrásio & Nobrega, 2017).

Hoje, o tema das masculinidades parece ter adquirido outra visibilidade. Capturado pelo comércio como uma data de consumo, o chamado “Dia do Homem” passou a ser popularizado, especialmente por empresas que exploram linhas de cosméticos e higiene, itens de moda e vestuário e até mesmo serviços de saúde, todos voltados às supostas necessidades masculinas.

Produções audiovisuais de grande circulação, como a série *Adolescência*, da Netflix, evidenciam a existência de grupos de homens adolescentes e jovens, como os *Incels* e *Red Pills*, que reivindicam um suposto “masculinismo” e reproduzem discursos misóginos que justificam inúmeras violências contra homens e mulheres (Romeiro et al., 2023). No campo religioso, ganham destaque projetos como o *IntelliMen* da Igreja Universal do Reino de Deus, *Legendários* e *Machonaria*, que utilizam discursos religiosos para naturalizar as opressões de gênero e mobilizar o resgate de um modelo de masculinidade cristão, burguês e patriarcal, conquistando a adesão de milhares de seguidores (Martins, 2019; Martins & Nascimento, 2021).

Esses exemplos revelam que as masculinidades não apenas estão em constante transformação, mas também se desenvolvem em um campo de forças que cria, simultaneamente, espaços de resistência, configurando um cenário complexo e desafiador (Bourdieu, 2020). A produção de conhecimento não está isenta desses processos: cientistas, docentes e instituições frequentemente reproduzem os discursos de uma sociedade generificada, marcada por um sistema de divisão social que transforma diferenças sexuais em desigualdades, submetendo corpos considerados

“diferentes” — por não se enquadrarem em uma suposta régua de normalidade e moralidade — à opressão e à exclusão (Freitas e Luz, 2017).

Considerando a relevância da *Revista Gênero* na difusão do conhecimento sobre relações de gênero no Brasil, esta revisão busca refletir sobre a inserção da temática das masculinidades em suas publicações.

1 Dos estudos homens ao estudo das masculinidades: um campo em construção

Antes de apresentar os resultados da revisão, considero importante recuperar alguns aspectos sobre a inserção dos homens e das masculinidades nos estudos de gênero. Como destaca Kimmel (1992), durante séculos, a maioria dos livros foi escrita “por” e “para” homens, refletindo a valorização do masculino em detrimento das mulheres em praticamente todas as esferas sociais. Ao tomar o homem como modelo único e ideal para os estudos científicos, essa perspectiva excluía não apenas as mulheres, mas também todos os sujeitos que não se reconheciam nas matrizes binárias e heteronormativas, como, por exemplo, os homossexuais (Louro, 2014).

A partir de meados do século XX, especialmente na década de 1960, marcada pela emergência dos movimentos feministas, observa-se um processo de mudança nos “estudos sobre os homens”, que começam a abrir espaço para os “estudos sobre masculinidades”, considerando esses sujeitos em uma perspectiva relacional de gênero. Trata-se, contudo, de uma mudança paradigmática complexa, que ainda hoje, diante das resistências impostas pelos modos de produção da existência, encontra-se em processo de incorporação, tanto no âmbito científico quanto nas discussões dos movimentos sociais organizados (Martins, 2013).

Embora possa soar como novidade, a abordagem das questões referentes aos homens e às masculinidades não é recente na literatura científica nacional e internacional. Como destaca Kimmel (1992), durante séculos a maioria dos livros foi escrita “por” e “para” homens, refletindo a dominação masculina presente no âmbito acadêmico-científico e em outras esferas sociais (Louro, 2014).

No final da década de 1980, com as transformações teóricas e políticas do movimento feminista, os estudos de gênero passaram a incluir em suas discussões não apenas mulheres brancas e heterossexuais (Louro, 2014). Tornava-se evidente a necessidade de considerar diferentes sujeitos e contextos na compreensão da construção das diferenças sexuais e na produção das desigualdades sociais, em uma perspectiva crítica e relacional

(Medrado e Lira, 2008). Nesse período, observa-se uma tendência à mudança de perspectiva em relação aos estudos sobre homens, que passam a ser analisados em uma chave político-histórica e não apenas biomédica. Assim, os estudos “sobre os homens” começam a dar lugar aos estudos “sobre masculinidades” e suas implicações nos modos de vida cotidiana, incorporando a perspectiva de gênero (Martins, 2013).

Ainda no final da década de 1980 e início da de 1990, com o surgimento do HIV/Aids e o elevado índice de contaminação entre homens, sobretudo homossexuais, esses estudos e pesquisas expandiram-se para além das ciências humanas, evidenciando também a necessidade de inseri-los no campo da Saúde Coletiva (Martins, 2013). Entretanto, em todos esses campos, persistia — e ainda persiste — a dificuldade de compreender os homens em uma perspectiva relacional de gênero, prevalecendo estudos descritivos que desconsideram o processo de construção política e histórica das masculinidades (Martins, 2013).

De forma semelhante, Welzer-Lang (2001) observa que muitos desses estudos ainda se baseiam em perspectivas heteronormativas, desconsiderando tanto a diversidade quanto as relações de poder estabelecidas entre homens e mulheres, entre mulheres e mulheres e também entre homens e homens. Para enfrentar essa limitação, o autor recorre ao conceito de “masculinidade hegemônica”. Segundo Connell (2017), considerando os diferentes contextos e sentidos atribuídos ao “ser homem”, torna-se necessário falar em “masculinidades”, no plural, de modo a contemplar a pluralidade de formas pelas quais cada sujeito exerce e significa a masculinidade.

Ainda segundo Connell (2017), em cada sociedade, em diferentes momentos e contextos históricos, são instituídos modelos idealizados de “ser homem”. Na cultura ocidental, sobretudo na latino-americana, observa-se a valorização de atributos como força, coragem, determinação, domínio e agressividade. Esse modelo não apenas molda corpos e subjetividades ao estabelecer um ideal a ser socialmente perseguido e estimulado, mas também organiza hierarquicamente outras formas de masculinidade. Assim, a dominação masculina é exercida não apenas sobre as mulheres, mas também sobre outros homens — como homossexuais, travestis, negros, pobres, entre outros (Bourdieu, 2020; Connell e Messerschmidt, 2013).

Ao analisar a produção científica sobre masculinidades e reprodução sexual, Figueroa (2004) identifica cinco concepções recorrentes. A primeira delas refere-se a estudos que “satanizam” o público masculino. Nessa perspectiva, os homens são representados de modo semelhante ao que

ocorria nas duas primeiras ondas do movimento feminista: como inimigos, agressores e, portanto, sujeitos a serem combatidos, e não compreendidos.

A segunda concepção, em oposição à primeira, representa os homens como vítimas do processo de socialização, sobre o qual não teriam poder de ação. Figueroa (2004) observa que algumas pesquisadoras chegam a expressar, em seus estudos, certo sentimento de culpa por não terem compreendido os homens ou por tê-los enquadrado na primeira concepção. Ambas as perspectivas, no entanto, acabam sendo culpabilizantes — seja em relação ao próprio homem, seja em relação ao sistema cultural em que ele se insere — e não oferecem subsídios para compreender a construção das masculinidades nem para vislumbrar possibilidades de transformação.

A terceira concepção, destacada por Figueroa (2004), foi denominada de “homens auto-flagelantes”. Refere-se a um grupo de homens que não apenas reconhecem a opressão exercida historicamente por outros homens sobre as mulheres, mas também expressam lamentações e culpas em relação a esse papel social. Muitas vezes, trata-se de um discurso esvaziado, que tenta inserir uma discussão política sem, contudo, abrir caminhos efetivos para a análise das relações de poder e dos aspectos socioeconômicos que estruturam as sociedades capitalistas.

A quarta concepção refere-se à constatação acadêmico-científica das desigualdades, frequentemente materializada em estudos epidemiológicos e em descrições rigorosas. Apesar de sua relevância para compreender as consequências das desigualdades, essa abordagem pode, paradoxalmente, inviabilizar movimentos de mudança, ao apresentar um cenário sistematizado que tende a parecer de difícil transformação.

A quinta concepção busca construir uma leitura histórica das normas sociais, procurando compreender não apenas os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres, mas também propor sua desconstrução e estudo contextualizado. Essa abordagem aproxima-se da perspectiva pós-estruturalista e incorpora a dimensão relacional de gênero. Para Figueroa (2004), trata-se ainda de uma concepção incipiente, tanto nas discussões políticas quanto na produção científica da área.

Outros autores, como Benedito Medrado (2008), apontam a relevância de interpretar os fenômenos relacionados às masculinidades a partir de uma matriz feminista. Para o autor, a inclusão dessa perspectiva enfatiza que o gênero não é apenas uma característica ou identidade individual dos homens, mas um sistema relacional de poder que organiza desigualdades entre homens e mulheres, e também entre diferentes homens. Essa matriz,

portanto, desloca os estudos de masculinidades de uma simples descrição de “tipos de homens” para uma análise crítica das relações de gênero.

Em outras palavras, a matriz feminista incorpora a perspectiva da interseccionalidade — articulando gênero a classe, raça, sexualidade, território, entre outros marcadores sociais — e amplia o campo dos estudos de masculinidades. Mostra, assim, que não existe uma única forma de ser homem, mas masculinidades plurais, construídas em contextos históricos e sociais desiguais.

Ainda segundo Medrado (2008), a matriz feminista de gênero não é apenas teórica, mas também ética e política: envolve um compromisso com a equidade de gênero, a justiça social e a crítica às práticas de violência. Dessa forma, os estudos de masculinidades, quando ancorados no feminismo, não se limitam a descrever os homens, mas buscam intervir nas desigualdades de gênero.

2 Masculinidades nos 25 anos da Revista Gênero

Para a realização da revisão, foram feitas consultas à ferramenta de busca da plataforma virtual da *Revista Gênero*, abrangendo todos os números publicados em seus primeiros 25 anos, de 2000 a 2025. As buscas utilizaram as seguintes palavras-chave: “masculino”, “masculinidade”, “homens”, “homem”, “paternidade” e “pai”. A seleção dos artigos ocorreu a partir da leitura de títulos e resumos, priorizando textos que tivessem as masculinidades como objeto central de investigação. Ao final, foram selecionados 26 artigos (Tabela 1).

Como mostra a Figura 1, já em seu primeiro número a revista publicou o artigo “*Gênero, sexualidade e masculinidade: reflexões para uma agenda de pesquisa com adolescentes no contexto de uma experiência*”, escrito pelo sociólogo Murilo Peixoto da Mota. O estudo, desenvolvido com apoio da Fundação MacArthur (Estados Unidos), relata uma experiência de trabalho comunitário com homens jovens da favela da Rocinha, no Rio de Janeiro. No texto, discutem-se as relações entre práticas de sexo (in)seguro e a construção da identidade masculina.

Figura 1. Linha do tempo das publicações sobre masculinidades na revista Gênero (2000-2025)



Fonte: Elaboração própria (2025).

A análise da Figura 1 revela que as publicações sobre masculinidades não ocorreram de forma constante. Pelo menos quatro picos de produção podem ser identificados no gráfico, nos anos em que foram publicados três estudos: 2001, 2008, 2016/2017 e 2024. Nota-se que, a partir do primeiro pico, em 2008, os estudos sobre masculinidades tornaram-se mais frequentes. Entre os fatores que podem ter contribuído para esse cenário, destaca-se a publicação da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem, em 2009, que impulsionou o crescimento das pesquisas sobre saúde masculina (Dutra *et al.*, 2025).

No que se refere à autoria, observou-se um maior número de artigos escritos exclusivamente por homens (11). As mulheres foram responsáveis por sete textos e outras oito publicações tiveram autoria compartilhada entre homens e mulheres. Nota-se, ainda, a diversidade de autoras e autores provenientes de distintas áreas de formação.

Em relação às instituições de vínculo dos autores e autoras, observa-se a predominância quase absoluta de instituições públicas de ensino e pesquisa, especialmente universidades. Das publicações, 12 foram produzidas no Sudeste, seis no Sul, e as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste responderam por dois estudos cada. Outros dois trabalhos foram realizados em parceria entre autores de diferentes regiões: Nordeste e Centro-Oeste; Norte e Sudeste.

A análise das listas de referências dos artigos mostra que alguns autores e autoras se destacam como principais referências teóricas sobre masculinidades. Nesse sentido, Raewyn Connell — mulher trans, socióloga

e professora da Faculdade de Educação e Serviço Social da Universidade de Sydney — é a autora mais citada, mencionada em 16 dos 26 artigos (61,54%). Sócrates Nolasco, psicólogo e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), aparece em sete artigos, sobretudo na primeira metade do período analisado. Em seguida, destacam-se Pierre Bourdieu (6 citações), Michael Kimmel (5), Benedito Medrado (3), Pedro Paulo de Oliveira (3), Jorge Lyra (2) e Margareth Arilha (2).

Em todos os estudos analisados, autoras e autores dialogam com referências nacionais e internacionais relevantes no campo dos estudos de gênero. Nota-se, ainda, uma forte presença de autoras clássicas da área da epistemologia, como Joan Scott, Judith Butler e Guacira Louro. Desse modo, os trabalhos compartilham um olhar crítico sobre as questões de gênero, conduzindo as investigações a partir de uma abordagem relacional que considera os diferentes atravessamentos políticos e sociais.

Para ampliar a compreensão das temáticas abordadas, elaborou-se uma nuvem de palavras construída a partir dos descritores das publicações. Como mostra a Figura 2, “masculinidade” foi a palavra-chave mais mencionada, presente em 12 artigos. Em seguida aparecem os termos “masculinidades” (5) e “masculinidade hegemônica” (1), totalizando 18 referências. Destaca-se que, embora a palavra “masculinidades” já tivesse aparecido em títulos de artigos desde 2002, só foi utilizada como descritor pela primeira vez em 2017, em um estudo assinado por três mulheres (Rebeca Valadão Bussinger, Maria Cristina Smith Menandro e Isadora Lee Padilha). Esse artigo se diferencia dos demais por investigar as representações de masculinidades entre um grupo de mulheres lésbicas de diversas regiões do país, deslocando a análise das masculinidades de uma vinculação exclusiva aos corpos com pênis.



Fonte: Elaboração própria (2025).

A partir de 2017, a palavra-chave “masculinidades” passou a ser utilizada como descritor em diversos estudos. Essa mudança pode refletir transformações nas concepções de pesquisadoras e pesquisadores no campo dos estudos de gênero, que passaram a reconhecer múltiplas experiências masculinas antes silenciadas. Contudo, apesar da passagem do termo no singular para o plural, o conjunto de estudos ainda não avança para incluir corpos masculinos que rompem com a lógica cisheteronormativa.

As palavras-chave evidenciam a diversidade de temas tratados nos artigos, incluindo saúde masculina e condições específicas como penectomia, neoplasia de próstata, HIV/Aids e a busca por corpos musculosos. Também se observa a discussão das masculinidades em diferentes contextos, como a educação, o futebol, o cinema, a cultura, a mídia e o candomblê. As violências, aspecto central no processo de construção e exercício das masculinidades, aparecem em alguns estudos por meio de descritores como violência conjugal, homicídios e, em escala global, a guerra do Iraque.

Como também indica a Figura 2, a sexualidade é uma temática recorrente nos estudos analisados. De modo geral, autoras e autores buscam compreender as transformações na identidade de gênero masculino, incluindo sua dimensão sexual. O descritor “homossexualidade” destaca-se entre os mais utilizados, evidenciando um conjunto de publicações sobre experiências de masculinidades homoafetivas, que rompem com o modelo da masculinidade hegemônica.

Não foram identificados estudos que incluam grupos de homens negros, idosos, trans, com deficiências, neurodivergentes, migrantes ou imigrantes, tampouco homens de povos originários e comunidades tradicionais. Essa lacuna pode ser explicada pelo fato de que apenas recentemente o campo científico e acadêmico brasileiro vem sendo pressionado a incluir populações historicamente apagadas e silenciadas, sobretudo pelos processos de exclusão de minorias.

Considerações finais

A luta pela transformação das relações de gênero permanece como um importante compromisso ético-político, que ainda hoje encontra resistências para atravessar os contextos acadêmicos e científicos. Esse desafio torna-se ainda mais relevante quando consideramos os estudos voltados às masculinidades, em suas diversas formas de expressão, pois eles nos fornecem pistas capazes de subsidiar a construção de ações, programas e políticas públicas comprometidas com a equidade.

Como indicam os resultados desta revisão, o campo dos estudos sobre masculinidades segue em expansão, mas ainda requer maior participação da comunidade científica. Destaca-se, também, a urgência de investir em novas investigações que ultrapassem o modelo cisheteronormativo e reconheçam masculinidades diversas — como as dos homens negros, trans, com deficiências, de povos originários e de comunidades tradicionais, entre outras.

Essa inclusão, contudo, não deve ser entendida como desprezo às masculinidades de homens cisgênero e heterossexuais, que seguirão ocupando um lócus relevante de estudo, sobretudo por estarem muitas vezes ancoradas no modelo hegemônico. A compreensão desse grupo pode possibilitar a construção de intervenções intersetoriais e interdisciplinares capazes de oferecer respostas a fenômenos como a violência contra as mulheres ou o envolvimento de homens em homicídios.

Nesse sentido, a *Revista Gênero* tem se constituído como um espaço fundamental para a circulação da produção de conhecimento sobre masculinidades no Brasil. Como marca editorial, destaca-se o fato de os estudos publicados serem orientados por uma perspectiva relacional de gênero, atenta aos diferentes atravessamentos políticos e sociais, o que possibilita uma análise crítica e posicionada.

Olhar para a trajetória da *Revista Gênero* é também reconhecer que os estudos sobre masculinidades fazem parte de uma disputa mais ampla pelo direito de existir em múltiplas formas de ser e viver. Se as masculinidades hegemônicas insistem em reproduzir desigualdades, cabe à produção científica tensionar esses lugares, construir alternativas e apontar caminhos para uma vida em que os corpos não sejam aprisionados por normas, mas reconhecidos em sua diversidade. Trata-se, portanto, de um compromisso coletivo: romper com silenciamentos, descolonizar saberes e desnaturalizar hierarquias que sustentam a violência.

Ao completar 25 anos, a revista reafirma sua relevância como trincheira crítica e espaço de invenção política. É preciso que os estudos sobre masculinidades não apenas descrevam ou analisem, mas que se coloquem como instrumentos de transformação social, capazes de dialogar com os movimentos feministas, LGBTQIA+, negros, indígenas e com as lutas populares. Que este marco não seja apenas comemorativo, mas um ponto de inflexão: um chamado para que a pesquisa em gênero e masculinidades, no Brasil, se comprometa radicalmente com a justiça social, a equidade e o bem-viver.

Referências

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 18. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

CASADEI, E. B. Os estudos das masculinidades nas pesquisas em Comunicação no Brasil. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 45, p. e2022101, 2022.

CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, 2017.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

DUGNANI, P. Pós-modernidade e comunicação: dos meios de massa aos meios digitais. **Comunicação & Inovação**, v. 21, n. 45, 2020.

DUTRA, J. C. A.; SANDOVAL, C. L.; VESCO, G. R.; MARTINS, A. M. Produção científica brasileira sobre a saúde masculina: avanços e possibilidades. **Revista Interdisciplinar de Estudos em Saúde**, v. 24, 2025.

EUFRÁSIO, J. J. G.; NÓBREGA, T. P. Representações do corpo masculino na revista *Men's Health*. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 39, n. 1, p. 31-38, mar. 2017.

FIGUEROA, J. G. La representación social de los varones en estudios sobre masculinidad y reproducción: un muestrario de reflexiones. In: MEDRADO, B.; FRANCH, M.; LYRA, J.; BRITO, M. (org.). **Homens: tempos, práticas e vozes**. Recife: Instituto PAPAI/Fages/Nepo/Pegapacará, 2004.

FREITAS, L. B.; LUZ, N. S. Gênero, ciência e tecnologia: estado da arte a partir de periódicos de gênero. **Cadernos Pagu**, n. 49, 2017.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MARTINS, A. M. A construção social das masculinidades e suas implicações na saúde dos homens. **Opsis (UFG)**, v. 13, p. 449-453, 2013.

MARTINS, A. M. **Masculinidades no Reino de Deus: corpo, gênero e representações sociais de homem entre fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus**. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

MARTINS, A. M.; NASCIMENTO, A. R. A. “Matar o velho homem, nascer de novo”: representações sociais de homem entre fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 26, p. 273-285, 2021.

MEDRADO, B.; LYRA, J. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, n. 3, p. 809–840, set. 2008.

OLIVEIRA, F. A. F.; BARROCO, S. M. S. Revolução tecnológica e smartphone: considerações sobre a constituição do sujeito contemporâneo. **Psicologia em Estudo**, v. 28, p. e51648, 2023.

ROMEIRO, N. L.; GARCEZ, D. C.; SILVA, S. C. G.; FREVIER, P. R.; SOUZA, M. S.; ALVES, A. P. M. Categorização das novas masculinidades em ambientes socioinformacionais: reflexões a partir dos estudos de gênero e decolonialidade. **Biblios (Peru)**, n. 86, 2023.

SILVA, G. A. **Uma perspectiva crítica para as políticas públicas de inclusão digital no Brasil**: estudo de caso sobre não-usos e não-usuários de internet. 2020. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

VOKS, D. J. Padronização de uma masculinidade e virilidade por meio da revista *Playboy Brasil* na década de 1980. **Historia y Sociedad**, Medellín, n. 41, p. 167–187, 2021.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 460–482, 2001.

ANEXO

Tabela 1. Artigos publicados na Revista Gênero (2000-2025) que abordam a temática das masculinidades.

Título	Ano	Autores	Instituição
Gênero, sexualidade e masculinidade: reflexões para uma agenda de pesquisa com adolescentes no contexto de uma experiência	2000	Murilo Peixoto da Mota	Fundação MacArthur
Discutindo masculinidade e subjetividade nos embalos do samba-canção	2001	Maria Izilda Santos de Matos	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Entrevista: O feminino e o masculino no social e no ficcional	2001	José Wilker	Globo
Dimensões da masculinidade no Brasil	2001	Marlise Miriam de Matos Almeida	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
Mulheres querem amor, homens querem sexo? Amor e masculinidades entre jovens de camadas médias urbanas de Belém	2002	Leonardo Fabiano Sousa Malcher	Universidade Federal do Pará.
Desafios da pós-modernidade: sensibilidades e masculinidades	2002	Maria Izilda Santos de Matos	Pontifícia Universidade Católica - SP
Entre homens, mulheres e deuses: identidade, gênero e (homo)sexualidade no contexto Afro-brasileiro	2008	Ralph Ribeiro Mesquita	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Paternidade: repercussões e desafios para a área de saúde	2009	Aline de Carvalho Martins	Instituto Fernandes Figueira
As contribuições dos estudos de gênero no âmbito das homossexualidades: o masculino como questão	2010	Murilo Peixoto da Mota	Universidade Federal do Rio de Janeiro
Sobre homens, cavalos e corações selvagens: a “civilização” e a masculinidade hegemônica na identidade dos Estados Unidos na guerra do Iraque.	2012	Diego Santos Vieira de Jesus	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
História e sentimento: gênero e masculinidade nas cartas de martiniano medina (1908-1919)	2016	Paulo Fernando Souza Campos José Ribamar Vieira Maramaldo	Universidade de Santo Amaro
Magro, ágil e forte: representações do corpo masculino pela revista men's health	2016	Josimar Faria Duarte e Rita de Cássia Pereira Farias	Universidade Federal Fluminense
“O lampião do morro alto”: ser homem, pobre e pardo em uma localidade do litoral norte gaúcho durante o pós-abolição	2016	Rodrigo de Azevedo Weimer	Universidade Federal Fluminense
Representações sociais de masculinidades de mulheres lésbicas e heterossexuais	2017	Rebeca Valadão Bussinger, Maria Cristina Smith Menandro, Isadora Lee Padilha	Universidade Federal Fluminense
Silva, márcia veiga. Masculino, o gênero do jornalismo: modos de produção das notícias. Florianópolis: insular, 2014.	2017	Fernanda Nascimento da Silva	Universidade Federal de Santa Catarina
Estudos sobre masculinidades e seus impactos no trabalho com homens autores de violência	2017	Luiz Henrique Machado De Aguiar Gláucia Ribeiro Starling Diniz	UNIFE e UNB
O bom, o abjeto e o cômico: construção visual das masculinidades na animação aladdin (1992)	2018	João Paulo Baliscai Geiva Carolina Calsa	Universidade Estadual de Maringá

Título	Ano	Autores	Instituição
Sobre homens, câncer de próstata e saúde: um ensaio a luz da antropologia das masculinidades	2018	Jeferson Santos Araújo, Márcia Maria Fontão Zago	Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará e Universidade de São Paulo
Controladores de acesso da agenda pública: as construções de masculinidades cisgêneras hegemônicas no panorama pré-eleitoral de 2018 no Brasil	2019	Vicente Tchalian Lucas Guerra da Silva	Universidade Federal de Mato Grosso
Há um homem na educação infantil! Masculinidades e ações pedagógicas de cuidados e educação de crianças	2021	João Paulo Baliscei Heloisa Toshie Irie Saito	Universidade Estadual de Maringá
Masculinidades no cinema em recorte: randon & kowalski	2022	Celso Vitelli	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
A masculinidade performada por torcedores organizados de futebol	2023	Camila Muhl, Jessika Karine Biscouto, Isis Barbosa Vidal, Bianca Beatriz Pereira	FAE Centro Universitário
O que é (e o que não é) ser homem? Masculinidade tóxica, cultura visual e educação para e sobre crianças	2023	Maria Vitoria Neri Pereira, João Paulo Baliscei	Universidade Estadual de Maringá
Estudos em masculinidades e autocuidado na literatura brasileira: implicações políticas e sociais	2024	José Breno Carvalho Curvelo Érika de Sousa Mendonça	Universidade de Pernambuco
Ser homem sem pênis: representações sociais da sexualidade e outras vivências para homens penectomizados	2024	Danielle Santos, Sueli Carneiro, Rita da Graça Carvalhal Frazão Corrêa, Antonio Augusto Lima Teixeira Júnior, Gyl Eanes Barros Silva, Joyce Santos Lages	Universidade Federal do Maranhão
Mortes de homens jovens por homicídio na capital do Mato Grosso do Sul -MS: análise das motivações descritas na mídia	2024	Alberto Mesaque Martins, Thiago Mikael-Silva, Gabriel Recalde Dal Vesco, João César Anes Dutra, Carlos Eduardo da Costa Medeiros	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Fonte: Elaboração própria (2025).

Recebido em janeiro de 2026.

Aprovado em maio de 2026.